
UGARTE, David de. **O poder das redes**: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas, chamadas a praticar o ciberativismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

Regina Célia Baptista Belluzzo

Sobre o que trata este livro? É uma obra traduzida para o português e lançada durante a Conferência Mundial sobre Desenvolvimento de Cidades (AICE, São Paulo, 2008) e discorre sobre as mudanças tecnológicas e como elas modificaram as formas de comunicação. Uma característica importante é que esta obra foi entregue ao Domínio Público pelo seu autor.

Em sua primeira parte, o autor apresenta uma brevíssima história de como as redes sociais, como o mapa das relações, através do que as idéias e a informação se movem, mudou ao longo do tempo, impulsionadas pelas diferentes tecnologias de comunicação. Os novos movimentos políticos, desde as Revoluções das Cores na Europa do Leste até as ciberturbas em distintos lugares do mundo, para finalmente traçar os dois modelos fundamentais de ciberativismo, que levam à difusão massiva de novas mensagens a partir da própria rede, constituem os temas abordados na segunda parte. Ainda, em uma terceira parte, são extraídas conclusões úteis para pessoas, empresas e organizações de todo tipo, sobre como se comunicar socialmente em um mundo em rede distribuída, um mundo em que todos somos potencialmente ciberativistas.

A idéia central, subjacente no livro, é que a chave para poder explicar a grande maioria dos novos fenômenos sociais e políticos com que nos deparamos consiste em entender a diferença entre um mundo no qual a informação se distribui em uma rede descentralizada, e outro em que o faz em uma rede distribuída. Passa-se de um mundo de poder descentralizado para o de poder distribuído, a chamada era das Redes Distribuídas ou Primavera das Redes, onde a Internet é uma nova esfera de comunicação, que tem literatura própria. Ressalta que o Poder das Redes reside no fato de difundir uma idéia ligada a um ponto de vista, em geral político social, que culminam em manifestações e protestos. Os pontos de ligação da rede são as pessoas e instituições. O principal ponto para compreensão do ciberativismo é a forma como a informação é distribuída.

No capítulo sobre “Brevíssima Historia das Redes Sociais” apresenta um cenário de difusão da informação como propulsora dos movimentos imperialistas, surgimento do telegrafo que trouxe novos grupos de receptores de informação e fortaleceu as classes operárias que contaram com essa tecnologia para organizar suas ações sindicais. Enfatiza o importante período histórico onde os trabalhadores começam a lutar por seus objetivos, ocorrência de movimentos políticos na Europa, apoiados na difusão pela rede existente, o telégrafo - passagem da localidade para a nacionalidade. Menciona também o início dos primeiros problemas com os *hackers*, que descobrem a criptografia, linguagem matemática utilizada pelos computadores com informações de cunho militar e político.

Relata a importância da criação e difusão dos PCs domésticos, cujos componentes eram produzidos pelo tão atual sistema de terceirização, com destaque para os anos 80, os quais foram marcados pela criatividade e ciência, que unidas culminaram na evolução tecnológica dos PCs à internet e suas infinitas ramificações. Cada pequeno computador é dotado de um poder igual dentro desta hierarquia, início da era das redes distribuídas.

O grau de acesso à informação atingido por uma pessoa, está diretamente vinculado ao seu universo, local, regional, nacional, é o que afirma o autor no capítulo intitulado “Da Pluriarquia à Blogosfera”, mencionando que há diferenciação das formas de organização política, onde permanecem os filtros, pessoas que representam a sociedade. Há uma definição de rede distribuída como sendo uma rede de iguais, mas decisões são em maior ou menor medida, isto configura a pluriarquia. Lembra também que existe informalidade nas novas redes, surgindo a blogosfera, ambiente informativo de simples utilização pessoal, caracterizado pela importância da visibilidade, onde o incentivo é dado pelo número de leitores, links que ele possui em outros sites, blogs e publicações do gênero. Destaca, ainda, a necessidade de uma visão diferenciada dos mediadores da informação, pois, na atualidade, dada à explosão de informações em tempo real, as fontes precisam passar por crivo de escolha que garante a confiabilidade dos fatos. Para esse autor, a blogosfera representa a liberdade de informação não manipulada de acordo com os interesses como mídias tradicionais.

No capítulo seguinte, denominado como “*Mumis* e Efeito Rede” são abordados os custos para a realização de determinados serviços na internet, denominados de lógica da abundância, caso do Google, sendo que por este motivo é que um grande e único provedor é o distribuidor de abundância. O termo *mumi*, faz referência à base da organização social das Ilhas Salomão, onde jovens aspirantes à liderança da tribo ofereciam banquetes suntuosos, preparados por eles com o objetivo de se tornarem reconhecidos, populares e, assim, então alcançar o posto. Este é o mesmo processo que ocorre hoje com os serviços que nos são oferecidos gratuitamente na rede e o objetivo é similar.

O capítulo de “Primavera das Redes” traça um apanhado dos movimentos políticos que ocorreram nos anos 80 no leste europeu, seus resultados e sobre os novos formatos de comunicação que surgiram nestas regiões. Ressalta a importância das ciberturbas, onde os blogs são extremamente eficientes no sentido de fornecer as informações a um grande número de pessoas, que, por sua vez, organizam-se em redes cujos objetivos centram-se em aspectos políticos e sociais. A primavera das redes é global, já que países com contextos absolutamente distintos, organizam seus movimentos cidadãos em rede, reflexo da globalização da liberdade e da democracia. A *web* é um nodo ativista pacífico, as mensagens transmitidas pelos netocratas são muitas vezes fundamentadas no humor, por isso sua facilidade de se expandir, não ocorrendo assembleias, típicas dos movimentos, mas sim a propagação de links, blogs.

Tratando sobre a ordem espontânea de organização na rede no capítulo “Ciberativistas”, explica que com a multiplicidade de agentes que atuam autonomamente, onde o conflito é “multicanal”, ocorre simultaneamente em muitas frentes o que se configura como sendo o *swarming*. Seus pontos de maior relevância são: o discurso, as ferramentas e a visibilidade.

Quanto ao capítulo “Épica e Lírica no Relato dos Blogs” relata que, por apresentarem um tom pessoal, os relatos nos blogs possuem características líricas, sendo a representação do ethos particular. Já a épica se adapta mal às redes, porque é individual, não permitindo a multidisciplinaridade de seus membros.

Grupos dinamizadores que atuam na blogosfera são apresentados no capítulo que trata de “Ciberturbas”, enquanto formas de mobilização de pessoas. São comentadas as ações que ganham força coletiva para mobilizações em massa. Isso mostra a influência destes grupos através dos nodos (blogs). Ressalta que um blog concreto, diferentemente de um grande jornal, não pode modificar a agenda pública. Entretanto, a blogosfera, a grande rede social de pessoas que se

comunicam através de blogs e outras ferramentas de publicação eletrônica pessoal, sim, como o demonstram, no limite, as ciberturbas

“Uma Definição e Dois Modelos de Ciberativismo” é o título de outro capítulo, onde o autor apresenta o ciberativismo como sendo uma estratégia que utilizamos quando enviamos mensagens e esperamos que sejam repassadas. Enfatiza a existência de duas formas: na primeira, ocorre a construção de um centro onde são propostas as ações e difundidas as idéias; na segunda, ocorre o chamado *swarming*, caracterizado por um grande debate social distribuído com conseqüências que inicialmente não podem ser previstas. Ressalta, porém, que, na prática, na primeira forma as pessoas são convidadas para aderirem e não idealizarem uma determinada campanha. Enquanto que no *swarming* espera-se que as pessoas abracem a causa e culmine numa ciberturba.

Por sua vez, em “Ciberativismo para ativistas da vida cotidiana” é apresentada a importância de se trabalhar com três aspectos fundamentais do ciberativismo: discurso, ferramentas e visibilidade. O autor afirma que esse é um processo caracterizado por vários elementos, como a documentação, que é o recolhimento de argumento pró e contra o tema, assim como o discurso que precisa ser curto, porém, eficiente, claro e que venda facilmente a idéia. Por fim, a escolha adequada dos destinatários últimos da ação e a visibilidade; quanto maior o número de acessos, maior o sucesso.

Em capítulo seguinte “As Empresas como Caso Particular” existe o relato de que, inicialmente, as empresas tiveram dificuldades em adaptar-se a essa nova mídia dada à rapidez e volatilidade do tema. Os modelos corporativos tiveram que se enquadrar nas especificidades da blogosfera, o que permite a existência de uma expansão do discurso e abre condições de maior diálogo na empresa.

O capítulo “Contextopédias”, por sua vez, procura definir essa condição social como sendo um espaço corporativo ou pessoal onde são definidos os termos habituais dos blogs, como as conclusões sobre os debates já atingidos ou encerrados. Caracterizam-se pela agregação, promoção e interação em que interação e influência mútua. O exemplo mais conhecido é a Wikipédia.

Outro tema de grande importância é o foco do capítulo “A Web 2.0: Uma Verdade Incômoda”. Para o autor, representa a separação entre a produção e distribuição da informação. É um espaço social que se articula sobre a distribuição, embora haja a presença de filtros (selecionadores). As escolhas são pessoais sobre os fatos de importância, cada um tem sua enciclopédia pessoal. Salienta que o sistema de poder esbarra nos filtros, onde, na realidade, não é o usuário que escolhe o que vai ler, mas, sim, uma comunidade gestora.

Os principais problemas com grupos que se denominam conhecedores das melhores informações são apontados pelo autor, no capítulo seguinte “As Oligarquias Participativas da Web 2.0”, alertando que esses grupos querem fazer disso um produto para a venda. Mesmo contra o desejo do usuário, há uma linha editorial, pois quando o serviço feito rede aumenta, a porcentagem de usuários passivos aumenta também.

Uma questão para reflexão é indicada desde o enunciado do capítulo “Para Onde Aponta a Web 2.1?” O autor considera a Web 2.1 como sendo a “Web do *bricoleur*”, uma rede de usuários que criam, publicam e utilizam os novos serviços, ferramentas e agregam os serviços da Web 2.0. É uma rede mais distribuída que utiliza as novas tecnologias de base (RSS e Atom) e que estarão contribuindo para a mudança na lógica das redes. O autor, também, indica que o interessante desses serviços que já utilizam essa nova Web está em converter os princípios da ética hacker – a lógica e



RBBB

RESENHAS

a prática da bricolagem digital - na manutenção de um ambiente colaborativo em que todos os usuários compartilham e transformam conteúdos próprios e alheios.

Finalizando, o último capítulo “Pensando Diferente” apresenta, em síntese, uma retomada dos principais pontos abordados no livro e considerações sobre a temática desenvolvida.

Acredita-se que esta obra deva ser uma leitura importante para os profissionais da informação e aos demais interessados em aprender que “com a Internet conectando milhões de pequenos computadores hierarquicamente iguais, está nascendo a *Era das Redes Distribuídas*, abrindo a possibilidade de passar de um mundo de poder descentralizado para outro de poder distribuído. O mundo que estamos construindo”.

Regina Célia Baptista Belluzzo

Docente da FAAC-UNESP-Bauru
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e em TV Digital
E.mail: rbelluzzo@travelnet.com.br

Recebido na RBBB em: 16/05/2008
Aceito para publicação em: 26/06/2008